

**Escola:****Disciplina:****Turma:**

Questão 1

Lê o excerto e completa a frase coma opção correta.

Na expressão "Me deu Saturno quebranto", está presente um eufemismo.

[Consultar Anexo 1](#)

Questão 2

Lê o excerto e completa as frases com as opções corretas.

A frase "O seu cavalo de batalha, as suas armas, os seus pajens tinham subido com ele às alturas." contém duas figuras de estilo. São elas a enumeração e a o eufemismo.

[Consultar Anexo 2](#)

Questão 3

Lê o excerto e estabelece a correspondência correta.

[Consultar Anexo 3](#)

"O nome que no peito escrito tinhas"



Perífrase

"aquele engano da alma, ledó e cego,"



Antítese

"Que tudo, enfim, tu, puro Amor, desprezas"



Personificação

Questão 4

Lê o excerto e estabelece a correspondência correta.

[Consultar Anexo 4](#)

"De quem feitos ilustres se souberam,
De quem ficam memórias soberanas,"

☐ ☐ Anáfora

"De quem se ganha a vida com perdê-la"

☐ ☐ Antítese

"Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com nova fúria ao céu subia,"

☐ ☐ Hipérbole

Questão 5

Lê o excerto e responde à seguinte questão.

[Consultar Anexo 5](#)

Qual é a figura de estilo presente no verso "Cos raios em que o Polo
todo ardia"?

Hipérbole

Questão 6

Lê o excerto e responde à seguinte questão.

[Consultar Anexo 6](#)

Qual é a figura de estilo presente no segmento "ocidental praia
lusitana", através do qual são utilizadas várias palavras para designar
o que poderia ser nomeado apenas por uma?

Perífrase

Questão 7

Lê o excerto e responde à seguinte questão.

[Consultar Anexo 7](#)

Qual é o recurso estilístico presente no segmento "barca da vida"?

Metáfora

Questão 8

Lê o excerto e responde à seguinte questão.

Consultar Anexo 7

Qual é o recurso estilístico presente no segmento "neste rio está a ventura / de prazeres ou de dores!"?

Antítese

Questão 9

Lê o excerto e responde à seguinte questão.

[Consultar Anexo 1](#)

Qual é o recurso estilístico presente nos versos "Ora mui muito m'espanto / nom vos livrar o dinheiro!"?

Ironia

Questão 10

Lê o excerto e responde à seguinte questão.

[Consultar Anexo 8](#)

Qual é o recurso estilístico presente na expressão "negra canela", que pretende, através de uma parte, designar o todo?

Sinédoque

Questão 11

Lê o segmento, extraído do excerto, e seleciona a opção correta.

"O que magoa é ver a presença da morte alastrando pelas paredes escuras da loja, escorrendo dos papéis caídos do tecto, envolvendo-o cada vez mais, dobrando-lhe o corpo para o chão..."

Neste segmento, observamos a presença de

[Consultar Anexo 9](#)



um eufemismo da morte.



uma perífrase da morte.



uma personificação da morte.

Questão 12

Responde à seguinte questão.

Que nome se dá à figura de estilo que repete no início de um verso sempre a mesma palavra ou expressão?

Anáfora

Questão 13

Responde à seguinte questão.

Que recurso expressivo se caracteriza pela repetição da conjunção copulativa "e"?

Polissíndeto

Questão 14

Lê o excerto e responde à seguinte questão.

[Consultar Anexo 10](#)

Qual é a figura de estilo presente nos versos "As inquietas ondas apartando" e "Das naus as velas côncavas inchando", através da qual se inverte a ordem natural das palavras numa frase?

Hipérbato

Questão 15

Lê o texto e seleciona a opção correta.

No primeiro verso, está presente uma

[Consultar Anexo 11](#)

- ☒ apóstrofe.
- ☐ antítese.
- ☐ perífrase.

Anexo 1

Auto da Barca do Inferno

Vem um Onzeneiro e pergunta ao Arrais do Inferno, dizendo:

181	<i>Onzeneiro</i> <i>Diabo</i>	Pera onde caminhais? Oh! que má hora venhais, onzeneiro, meu parente! Como tardastes vós tanto?
185	<i>Onzeneiro</i>	Mais quisera eu lá tardar... Na safra do apanhar me deu Saturno quebranto.
	<i>Diabo</i>	Ora mui muito m'espanto nom vos livrar o dinheiro!
190	<i>Onzeneiro</i>	Solamente pera o barqueiro nom me leixaram nem tanto... (...)

Torna o Onzeneiro à barca do Inferno e diz:

225	<i>Onzeneiro</i>	Houlá! Hou demo barqueiro! Sabês vós em que me fundo? Quero lá tornar ao mundo e trarei o meu dinheiro. Aqueloutro marinheiro, porque me vê vir sem nada,
230		dá-me tanta borregada
231		como arrais lá do Barreiro. (...)

Tanto que Brísida Vaz se embarcou, veio um Judeu, com um bode às costas; e, chegando ao batel dos danados, diz:

557	<i>Judeu</i> <i>Diabo</i> <i>Judeu</i>	Que vai cá? Hou marinheiro! Oh! que má hora vieste! Cuj'é esta barca que preste?
560	<i>Diabo</i> <i>Judeu</i> <i>Diabo</i> <i>Judeu</i> <i>Diabo</i>	Esta barca é do barqueiro. Passai-me por meu dinheiro. E o bode há cá de vir? Pois também o bode há de ir. Que escusado passageiro!
565	<i>Judeu</i> <i>Diabo</i> <i>Judeu</i>	Sem bode, como irei lá? Nem eu nom passo cabrões. Eis aqui quatro testões e mais se vos pagará. Por vida do Semifará
570	<i>Diabo</i>	que me passês o cabrão! Querês mais outro testão? Nenhum bode há de vir cá. (...)

Gil Vicente, *Auto da Barca do Inferno*

Anexo 2

A Aia

Era uma vez um rei, moço e valente, senhor de um reino abundante em cidades e searas, que partira a batalhar por terras distantes, deixando solitária e triste a sua rainha e um filhinho, que ainda vivia no seu berço, dentro das suas faixas.

A lua cheia que o vira marchar, levado no seu sonho de conquista e de fama, começava a minguar, quando um dos seus cavaleiros apareceu, com as armas rotas, negro do sangue seco e do pó dos caminhos, trazendo a amarga nova de uma batalha perdida e da morte do rei, trespassado por sete lanças entre a flor da sua nobreza, à beira de um grande rio.

A rainha chorou magnificamente o rei. Chorou ainda desoladamente o esposo, que era formoso e alegre. Mas, sobretudo, chorou ansiosamente o pai, que assim deixava o filhinho desamparado, no meio de tantos inimigos da sua frágil vida e do reino que seria seu, sem um braço que o defendesse, forte pela força e forte pelo amor.

Desses inimigos o mais temeroso era seu tio, irmão bastardo do rei, homem depravado e bravio, consumido de cobiças grosseiras, desejando só a realeza por causa dos seus tesoiros, e que havia anos vivia num castelo sobre os montes, com uma horda de rebeldes, à maneira de um lobo que, de atalaia no seu fojo, espera a presa. Ai! a presa agora era aquela criancinha, rei de mama, senhor de tantas províncias, e que dormia no seu berço com seu guizo de oiro fechado na mão!

Ao lado dele, outro menino dormia noutro berço. Mas era um escravozinho, filho da bela e robusta escrava que amamentava o príncipe. Ambos tinham nascido na mesma noite de Verão. O mesmo seio os criara. Quando a rainha, antes de adormecer, vinha beijar o príncipezinho, que tinha o cabelo louro e fino, beijava também, por amor dele, o escravozinho, que tinha o cabelo negro e crespo. Os olhos de ambos reluziam como pedras preciosas. Somente, o berço de um era magnífico de marfim entre brocados, e o berço de outro, pobre e de verga. A leal escrava, porém, a ambos cercava de carinho igual, porque, se um era o seu filho, o outro seria o seu rei.

Nascida naquela casa real, ela tinha a paixão, a religião dos seus senhores. Nenhum pranto correria mais sentidamente do que o seu pelo rei morto à beira do grande rio. Pertencia, porém, a uma raça que acredita que a vida da terra se continua no céu. O rei seu amo, decerto, já estaria agora reinando em outro reino, para além das nuvens, abundante também em searas e cidades. O seu cavalo de batalha, as suas armas, os seus pajens tinham subido com ele às alturas. Os seus vassalos, que fossem morrendo, prontamente iriam, nesse reino celeste, retomar em torno dele a sua vassalagem. E ela, um dia, por seu turno, remontaria num raio de lua a habitar o palácio do seu senhor, e a fiar de novo o linho das suas túnicas, e a acender de novo a caçoleta dos seus perfumes; seria no céu como fora na terra, e feliz na sua servidão.

(...)

Eça de Queirós, *Contos*

Anexo 3

Os Lusíadas

Inês de Castro

- 118 Passada esta tão próspera vitória,
Tornado Afonso à Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta glória
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso triste e digno de memória,
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera e mesquinha
Que *depois* de ser morta foi Rainha.
- 119 Tu, só tu, puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa à molesta morte sua,
Como se fora pérvida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
É porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano.
- 120 Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce *fruto*,
Naquele engano da alma, ledo e cego,
Que a Fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus *fermosos* olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.
- 121 Do teu Príncipe ali te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus *fermosos* se apartavam;
De noite, em doces sonhos que mentiam,
De dia, em pensamentos que voavam;
E quanto, enfim, cuidava e quanto via
Eram tudo memórias de alegria.
- 122 De outras belas senhoras e princesas
Os desejados tálamos enjeita,
Que tudo, enfim, tu, puro Amor, desprezas,
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas,
O velho pai *sesudo*, que respeita
O murmurar do povo e a fantasia
Do filho, que casar-se não queria,
- 123 Tirar Inês ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo *co* sangue só a morte *indina*
Matar do firme amor o fogo aceso.
Que furor consentiu que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra *h~ua* fraca dama delicada?

Luís de Camões, *Os Lusíadas*

Anexo 4

Os Lusíadas

- 80 Vendo Vasco da Gama que tão perto
Do fim de seu desejo se perdia,
Vendo ora o mar até o Inferno aberto,
Ora com nova fúria ao Céu subia,
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remédio lhe valia,
Chama aquele remédio santo e forte
Que o *impossível* pode, desta sorte:
- 81 «Divina Guarda, angélica, celeste,
Que os Céus, o Mar e Terra senhoreias:
Tu, que a todo Israel refúgio deste
Por metade das águas Eritreias;
Tu que livraste Paulo e defendeste
Das Sirtes arenosas e ondas feias,
E guardaste, *cos* filhos, o segundo
Povoador do alagado e vácuo mundo:
- 82 Se tenho novos medos perigosos
Doutra Cila e Caríbdis já passados,
Outras Sirtes e *baxos* arenosos,
Outros Acroceráunios infamados
No fim de tantos casos trabalhosos,
Porque somos de Ti *desemparedados*,
Se este nosso trabalho não Te ofende,
Mas antes Teu serviço só pretende?
- 83 Oh! Ditosos aqueles que puderam
Entre as agudas lanças africanas
Morrer, enquanto fortes sustiveram
A santa Fé nas terras mauritanas!
De quem feitos ilustres se souberam,
De quem ficam memórias soberanas,
De quem se ganha a vida, com perdê-la,
Doce fazendo a morte as honras dela.»
- 84 *Assi* dizendo, os ventos, que lutavam
Como touros indómitos, bramando,
Mais e mais a tormenta *acrecentavam*,
Pela miúda enxárcia assoviando.
Relampados medonhos não cessavam,
Feros trovões, que *vem* representando
Cair o Céu dos eixos sobre a Terra,
Consigo os Elementos terem guerra.

Luís de Camões, *Os Lusíadas*

Anexo 5

Os Lusíadas

- 74 Os ventos eram tais, que não puderam
Mostrar mais força de *ímpito* cruel,
Se *pera* derribar então vieram
A fortíssima Torre de Babel.
Nos altíssimos mares, que *creceram*,
A pequena grandura dum batel
Mostra a possante nau, que move espanto,
Vendo que se sustém nas ondas tanto.
- 75 A nau grande, em que vai Paulo da Gama,
Quebrado leva o *masto* pelo meio,
Quase toda alagada; a gente chama
Aquele que a salvar o mundo veio.
Não menos gritos vão ao ar derrama
Toda a nau de Coelho, com receio,
Conquanto teve o mestre tanto tento
Que primeiro amainou, que desse o vento.
- 76 Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo;
Agora a ver parece que *deciam*
As íntimas entranhas do Profundo.
Noto, Austro, Bóreas, Áquilo, queriam
Arruinar a máquina do Mundo;
A noite negra e feia se alumia
Cos raios em que o Pólo todo ardia!
- 77 As Alcíóneas aves triste canto
Junto da costa brava levantaram,
Lembrando-se de seu passado pranto,
Que as furiosas águas *lhe* causaram.
Os delfins namorados, entretanto,
Lá nas covas marítimas entraram,
Fugindo à tempestade e ventos duros,
Que nem no fundo dos deixa estar seguros.
- 78 Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos Gigantes
O grão ferreiro sórdido que obrou
Do enteado as armas radiantes;
Nem tanto o grão Tonante arremessou
Relampados ao mundo, fulminantes,
No grão dilúvio donde sós viveram
Os *dous* que em gente as pedras converteram.
- 79 Quantos montes, então, que derribaram
As ondas que batiam denodadas!
Quantas árvores velhas arrancaram
Do vento bravo as fúrias *indinadas*!
As forçosas raízes não cuidaram
Que nunca *pera* o céu fossem viradas,
Nem as fundas areias que pudessem
Tanto os mares que em cima as revolvessem.

Luís de Camões, *Os Lusíadas*

Anexo 6

Os Lusíadas

- 1 As armas e os barões assinalados
Que, da ocidental praia lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da *Taprobana*,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

- 2 E também as memórias gloriosas
Daqueles reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando;
E aqueles que por obras *valerosas*
Se vão da lei da morte libertando:
- Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

- 3 Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de *Alexandro* e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano
A quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

Luís de Camões, *Os Lusíadas*

Anexo 7

Auto da Barca do Inferno

Vêm quatro Cavaleiros cantando, os quais trazem cada um a Cruz de Cristo, pelo qual Senhor e acrescentamento de Sua fé católica morreram em poder dos mouros. Absoltos a culpa e pena per privilégio que os que assi morrem têm dos mistérios da Paixão d'Aquele por Quem padecem, outorgados por todos os Presidentes Sumos Pontífices da Madre Santa Igreja. E a cantiga que assi cantavam, quanto a palavra dela, é a seguinte:

- | | | |
|-----|------|--|
| 826 | Cav. | À barca, à barca segura,
barca bem guarnecida,
à barca, à barca da vida! |
| 830 | | Senhores que trabalhais
pola vida transitória,
memória, por Deus, memória
deste temeroso cais!
À barca, à barca, mortais,
barca bem guarnecida, |
| 835 | | à barca, à barca da vida! |
| | | Vigiai-vos, pecadores,
que, depois da sepultura,
neste rio está a ventura
de prazeres ou de dores! |
| 840 | | À barca, à barca, senhores,
barca mui nobrecida,
à barca, à barca da vida! |

E passando per diante da proa do batel dos danados assi cantando, com suas espadas e escudos, disse o Arrais da perdição desta maneira:

- | | | |
|-----|--------------|--|
| | <i>Diabo</i> | Cavaleiros, vós passais
e nom perguntais onde is? |
| 845 | 1º cav. | Vós, Satanás, presumis?
Atentai com quem falais! |
| | 2º cav. | Vós que nos demandais?
Siquer conhecê-nos bem.
Morremos nas Partes d'Além,
e não queirais saber mais. |
| 850 | | |
| | <i>Diabo</i> | Entra cá! Que cousa é essa?
Eu nom posso entender isto! |
| | Cav. | Quem morre por Jesu Cristo
não vai em tal barca como essa! |

Tornam a prosseguir, cantando, seu caminho direito à barca da Glória, e, tanto que chegam, diz o Anjo:

- | | | |
|-----|------|--|
| 855 | Anjo | Ó cavaleiros de Deos,
a vós estou esperando,
que morrestes pelejando
por Cristo, Senhor dos céos!
Sois livres de todo mal, |
| 860 | | mártires da Madre Igreja,
que quem morre em tal peleja
merece paz eternal. |

E assi embarcam

Gil Vicente, *Auto da Barca do Inferno*

Anexo 8

Auto da Índia

	<i>Moça</i>	Jesu! Jesu! que he ora isso? He porque se parte a armada?
	<i>Ama</i>	Olhade a mal estreada! Eu hei-de chorar por isso?
5	<i>Moça</i>	Por minh'alma, que cuidei E que sempre imaginei Que choraveis por noss'amo.
	<i>Ama</i>	Por qual demo ou por qual gamo Ali ma ora chorarei?
10		Como me leixa saudosa! Toda eu fico amargurada!
	<i>Moça</i>	Pois porque estais anojada? Dizei-m'o por vida vossa.
	<i>Ama</i>	Leixa-me ora eramá, Que dizem que não vai ja.
15	<i>Moça</i>	Quem diz esse desconcerto?
	<i>Ama</i>	Disserão-m'o por mui certo Que he certo que fica ca.
20	<i>Moça</i>	O Concelos me faz isto. S'elles ja estão em Rastello, Como póde vir a pello? Melhor veja eu Jesu Christo. Isso he quem porcos ha menos.
	<i>Ama</i>	Certo he que bem pequenos São meus desejos que fique.
25	<i>Moça</i>	A armada está muito a pique.
	<i>Ama</i>	Arreceio al de menos.
30		Andei na maora e nella A amassar e biscoutar, Pera o demo o levar À sua negra canela, E agora dizem que não. Agasta-se-m'o coração, Que quero sair de mim.
35	<i>Moça</i>	Eu irei saber s'he assim.
	<i>Ama</i>	Hajas a minha benção.

Vai a Moça e fica a Ama dizendo:

	<i>Ama</i>	A santo Antonio rógo eu Que nunca m'o ca depare: Não sinto quem não s'enfare
40		D'hum diabo Zebedeu. Dormirei, dormirei, Boas novas acharei. San João no ermo estava, E a passarinha cantava.
45		Deos me cumpra o que sonhei.
	<i>Moça</i>	Cantando vem ella e leda. Dae-me alvissaras, Senhora, Ja vai lá de foz em fóra.

Ama
50 *Moça* Dou-te huma touca de seda.
Ou quando elle vier,
Dae-me do que vos trazer.
Ama Ali muitieramá!
Agora ha de tornar ca?
Que chegada e que prazer!

55 *Moça* Virtuosa está minha ama!
Do triste delle hei dó.

Gil Vicente, *Auto da Índia*

Anexo 9

Mestre Finezas

Estamos sozinhos na loja. De navalha em punho, mestre Finezas declama cenas inteiras dos «melhores dramas que ainda se escreveram». E há nele uma saudade tão grande das noites em que fazia soluçar de amor e mágoa as senhoras da vila que, amiúde, esquece tudo o que o cerca e fica, longo tempo, parado. Os seus olhos ganham um brilho metálico. Fixos, olham-me mas não me vêem. Estão a ver para lá de mim, através do tempo.

Lentamente, aflora-lhe aos lábios, premidos e brancos, um sorriso doloroso.

- Eu fui o maior artista destas redondezas... - murmura.

Na cadeira, com a cara ensaboada, eu revivo a infância e sonho o futuro. Mestre Finezas já nem sonha; recorda só.

E, de novo, a sua mão treme junto da minha cara. No espelho, vejo-lhe o busto mirrado, os cabelos escorridos e brancos. Oiço-lhe a voz desencantada:

- A navalha magoa-te?

Uma onda de ternura por aquele velho amolece-me. Dá-me vontade de lhe dizer que não, que a navalha não magoa e nem sequer a sinto. O que magoa é ver a presença da morte alastrando pelas paredes escuras da loja, escorrendo dos papéis caídos do tecto, envolvendo-o cada vez mais, dobrando-lhe o corpo para o chão...

Mas Mestre Finezas parece nada disto sentir. Salta de um assunto para outro com facilidade. Preciso de tomar atenção para lhe seguir o fio do pensamento. Agora faz-me queixas da vila. E termina como sempre:

- Esta gente não pensa noutra coisa que não seja o negócio, a lavoura. Para eles, é a única razão da vida...

Volto a cabeça e olho-o. Sei o que vai dizer-me, Vai falar-me do abandono a que o votaram. Vai falar-me do teatro, da música, da poesia. Vai repetir-me que a arte é a mais bela coisa da vida. Mas não. Já nos entendemos só pelo olhar. Mestre Finezas salta por cima de tudo isto e ergue a navalha num lance teatral: Que sabem eles da arte? Tu que estudaste, tu sabes o que é a arte. Eles hão-de morrer sem nunca terem gozado os mais belos momentos que a vida pode dar.

Atravessou a loja, abriu um armário cavado na parede, e tirou o violino.

- Eu não te disse nada, Carlinhos... mas, olha, tenho vendido tudo para não morrer de fome... Tudo. Mas isto!...

Estendeu o violino na minha direcção e continuou reprimindo um soluço:

- Isto nem que eu morra!... É a minha última recordação...

Calou-se por muito tempo com os olhos no chão. Depois, de boca muito descerrada, disse-me como quem pede uma esmola:

- Tu queres ouvir uma música que eu tocava muito, Carlinhos?...

- Quero...- respondi forçando um sorriso de agrado.

Nem me ouviu. Estava, ao meio da loja, entre mim e a porta, e prendia o violino no queixo.

O arco roçou pelas cordas e um murmúrio lento começou, no silêncio que vinha das ruas da vila e enchia a casa. Lentamente, o fio de música ia engrossando. Era agora mais forte - agudo, desamparado como um choro aflito. E demorava, ondeava por longe, vinha e penetrava-me de uma sensação dolorosa.

Levantei-me, de toalha caída no peito, cara ensaboada, preso não sei de que vagos desgostosos pensamentos. Talvez pensasse em fugir, pedir-lhe que não tocasse mais aquela música desafinada e triste.

Mas, na minha frente, mestre Finezas, alheio a tudo, fazia gemer o seu violino, as suas recordações. O sol da meia tarde entrava pela porta e aureolava-o de uma luz trémula. E erguia o corpo como levado na toada que os seus dedos desfiavam; ficava nos bicos dos pés, todo jogado para o tecto.

De súbito, uma revoada de notas soltaram-se, desencontradas, raivosas. Encheram a loja, e ficaram

vibrando...

Os braços caíram-lhe para os lados do corpo. Numa das mãos segurava o arco, na outra o violino. E, muito esguio, macilento, mestre Finezas curvou a cabeça branca, devagar, como a agradecer os aplausos de um público invisível.

Manuel da Fonseca, *Aldeia Nova*

Anexo 10

Os Lusíadas

- 19 Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas côncavas inchando;
Da branca espuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As marítimas águas consagradas,
Que do gado de Próteu são cortadas,
- 20 Quando os Deuses no Olimpo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em consílio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente.
Pisando o cristalino Céu *fermoso*,
Vem pela Via Láctea juntamente,
Convocados, da parte do Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.
- 21 Deixam dos Sete Céus o regimento,
Que do poder mais alto *lhe* foi dado,
Alto Poder, que só *co* pensamento
Governa o Céu, a Terra e o Mar irado.
Ali se acharam juntos, num momento,
Os que habitam o Arcturo congelado
E os que o Austro *tem* e as partes onde
A Aurora *nace* e o claro Sol se esconde.
- 22 Estava o Padre ali, sublime e *dino*,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
Num assento de estrelas cristalino,
Com gesto alto, severo e soberano.
Do rosto respirava um ar divino,
Que divino tornara um corpo humano;
Com h~ua coroa e ceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

Luís de Camões, *Os Lusíadas*

Anexo 11

Horizonte

Ó mar anterior a nós, teus medos
Tinham coral e praias e arvoredos.
Desvendadas a noite e a cerração,
As tormentas passadas e o mistério,
Abria em flor o Longe, e o Sul sidério
Splendia sobre as naus da iniciação.

Linha severa da longínqua costa -
Quando a nau se aproxima ergue-se a encosta
Em árvores onde o Longe nada tinha;
Mais perto, abre-se a terra em sons e cores:
E, no desembarcar, há aves, flores,
Onde era só, de longe a abstracta linha

O sonho é ver as formas invisíveis
Da distância imprecisa, e, com sensíveis
Movimentos da esp'rança e da vontade,
Buscar na linha fria do horizonte
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte -
Os beijos merecidos da Verdade.

Fernando Pessoa, *Mensagem*